

## PASSAGENS OBSTRUÍDAS: QUARTOS PRIVATIVOS, MÍNIMAS JANELAS

Analice de Lima Palombini\*

### RESUMO

*A adolescência é o momento prínceps da eclosão de uma psicose, quando a passagem do espaço privado para a pólis encontra-se obstruída pela hipertrofia do corpo materno, o qual apenas foi capaz de suportar uma experimentação dos espaços sociais enquanto tomados como extensão de si mesmo e não como expressão de uma diferença. O presente trabalho ilustra essa obstrução através de diferentes narrativas do trabalho de acompanhamento terapêutico junto a sujeitos psicóticos que, confinados aos seus quartos, evitam a ultrapassagem dos limites que representariam a separação do corpo da mãe.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *psicose; adolescência; acompanhamento terapêutico; quarto*

### **OBSTRUCTED PASSAGES: PRIVATE ROOMS, MINIMAL WINDOWS ABSTRACT**

*Adolescence is the primary moment of a psychosis outcome, when the passage from the private room to the city is obstructed by the hypertrophy of the mother's body, which was capable of supporting an experimentation of the social spaces while taken as extension of itself and not while expression of a difference. The present work illustrates this obstruction through different narratives of the therapeutic attendance to psychotic subjects that, confined to their bedrooms, avoid crossing the boundaries that would represent the separation from the mother's body.*

**KEYWORDS:** *psychosis; adolescence; therapeutic attendance; bedroom*

\* Membro da APPOA, docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Filosofia pela mesma Universidade. E-mail: anapalom@portoweb.com.br.

O material clínico que motivou a escrita deste texto diz respeito à atividade de acompanhamento terapêutico realizada junto a usuários dos serviços de saúde mental da rede pública de Porto Alegre<sup>1</sup>. Nesse trabalho, a possibilidade de acompanhar o sujeito na sua circulação pela cidade coloca-se como alternativa para a construção de um espaço transicional, no sentido que Winnicott (1975) concede ao termo, entre a referência institucional para esse sujeito e seu acesso à via e aos lugares públicos. O que trago aqui é um recorte do que pude escutar dos acompanhantes terapêuticos em supervisão, em particular quando os sujeitos acompanhados eram psicóticos cuja existência mantinha-se confinada ao espaço de um quarto, na intimidade da sua casa, para os quais essa circulação pela via pública encontrava-se, de saída, impossibilitada. Era preciso, primeiro, ocupar o quarto, explorar possibilidades e lugares psíquicos antes que a geografia da cidade. Foram cerca de cinco casos, dentre trinta acompanhamentos realizados, nos quais o pedido de acompanhamento terapêutico tinha, via de regra, o objetivo de resgatar o vínculo desses sujeitos com os serviços em que eram atendidos e ao qual eles pouco compareciam.

Embora o encontro com esses sujeitos se tenha dado, na quase-totalidade dos casos, em um momento posterior ao da adolescência, a eclosão da crise e as condições presentes de sua vida psíquica levavam a evocar a problemática da adolescência enquanto operação de passagem psíquica: operação fracassada, então, resultando numa obstrução dessa passagem. É, portanto, esse momento da adolescência como determinante do destino desses sujeitos que tomo como questão aqui, com ênfase sobre o aspecto espacial envolvido nessa operação.

Sabemos que o corpo materno é o espaço primevo em que um bebê adquire existência psíquica, espaço que, ao aninhá-lo, empresta-lhe consistência e confere-lhe uma forma, primeiros lampejos do Eu, que, no processo de separação e alienação, torna-se Um, diferenciado da Mãe. O intervalo entre uma mãe e seu bebê, que a função paterna opera, permite à criança a exploração do espaço para além do corpo que lhe deu origem e sua inclusão na cultura.

<sup>1</sup> Tal atividade integra o “Programa de acompanhamento terapêutico na rede pública de serviços de saúde mental”, projeto do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob minha coordenação. Engloba atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária junto à rede pública de serviços de saúde mental (e, mais recentemente, também junto às escolas especiais da rede municipal de ensino), através da investigação das repercussões do trabalho de acompanhante terapêutico no contexto desses serviços, visando a construção de novos modos de encontro entre a instituição de tratamento e seus usuários. Trata-se de enfrentar o desafio da consolidação de uma rede de atenção à saúde mental, capaz de oferecer ancoragem, referências, possibilidades de tratamento e perspectivas de vida aos ditos doentes mentais, levando em conta o sujeito psíquico aí implicado, sem se deixar reduzir ao tratamento médico-hospitalar, mas também sem apenas dissolver-se em práticas político-sociais (cf. Palombini, 1999, 2001).

A constituição do eu, culminando no momento do estágio do espelho, opera a partir da voz e do olhar da Mãe, que, na relação pulsional com seu filho, vem assinalar-lhe um lugar de sujeito no mundo. É esse olhar e essa voz que conduzem a criança ao reconhecimento jubiloso de sua própria imagem no espelho, possibilitando-lhe a aquisição da autonomia e a abertura ao mundo objetal. A identidade assim constituída adquire significação fálica quando o que se dá ou não a ver na relação especular conduz ao enfrentamento do complexo de castração, o que inclui o reconhecimento da castração da mãe e a diferença entre os sexos (Rassial, 1999).

A adolescência é, então, um momento de confirmação ou de relançamento de todo esse processo e de colocação em ato da posição sexuada a que ele dá curso, o que vem pôr à prova a consistência imaginária do eu. É preciso realizar a passagem, dessa vez em nome próprio, do espaço privado que o corpo materno representa, para o espaço da *pólis* enquanto lugar de representação simbólica, o que requer, diz o autor (ibid.), a apropriação e simbolização, pelo sujeito, da voz e do olhar maternos que primeiramente o constituíram.

É o momento *pínceps* da eclosão de uma psicose, quando essa passagem, do espaço privado para a *pólis*, sofre a obstrução do que nós poderíamos chamar de hipertrofia do corpo materno, o qual apenas foi capaz de suportar uma experimentação dos espaços sociais por parte do filho, enquanto tomados como extensão de si mesmo (extensão do corpo materno) e não como expressão de uma diferença. Sem a inscrição simbólica dessa diferença, a reedição, na adolescência, de uma imagem corporal unificada torna-se presa incondicional do olhar materno e facilmente desfaz-se em partes desconexas, fragmentos devassados pelas sensações e percepções de um mundo cujos limites entre interior e exterior já não encontram ponto de sustentação. A construção da representação do espaço sofre os efeitos dessa fixação à imagem que advém da mãe, produzindo-se uma contração do espaço exterior, reduzido ao campo do olhar materno. O que ultrapassa esse campo cai num vazio simbólico, sendo vivido como abismo, horror, morte. Tal vivência é determinante de uma distorção nas percepções visuais, sinestésicas, tácteis, do espaço como, por exemplo, as que afetam a noção de profundidade. O corpo, de frágil consistência, dilui-se no vácuo de um espaço sem coordenadas.

Nos casos que tomo aqui como objeto para esta reflexão, a entrada do acompanhante terapêutico no espaço da casa, operando como terceiro na relação entre o sujeito acompanhado e sua mãe, não era sem conseqüências no ordenamento dos lugares psíquicos instituídos entre o par mãe/filho. Via de regra, era a mãe quem, de forma bastante peculiar, primeiramente reagia a isso que era vivido como uma intrusão. Assim, uma mãe, diante da demora do filho em apresentar-se devidamente vestido para receber a acompanhante terapêutica que pela primeira vez chegava à sua casa, assim lhe chamava a atenção: *Uma baita loira dessas na tua frente e tu não vais fazer nada?! Em outra situação, o primeiro encontro tendo se dado em dia de chuva torrencial, a*

mãe da paciente a ser acompanhada fez menção de secar os cabelos da acompanhante terapêutica e trocar suas roupas molhadas por roupas secas de sua filha. Num terceiro caso, a reação da mãe à presença da acompanhante terapêutica oscilava do enaltecimento à depreciação, dirigida à sua maneira de vestir-se, pentear-se, etc., chegando a oferecer-lhe um cheque-presente de uma loja de roupas femininas.

Ou seja, diante da ameaça que passava a representar a presença do ou da acompanhante a uma relação constituída num *continuum* entre mãe e filho, as atitudes da mãe vinham antecipar-se a qualquer possibilidade de confrontação do filho com o Outro sexo (condição *sine qua non* da passagem adolescente). Ou essas atitudes tratavam de apresentar o acompanhante como objeto de um gozo aludido (mas que, ao ser dessa forma oferecido pela sua mão, deixava de ser signo da diferença sexual, tornando-se extensão de seu próprio corpo  $\frac{3}{4}$  era a mãe que ali se oferecia); ou elas buscavam incorporar o acompanhante, de igual modo que a seu filho ou filha, como objeto dos seus cuidados, sempre em excesso, apagando quaisquer traços de uma diferença.

Contudo, no encontro com esses sujeitos no espaço apertado de seus quartos, na atmosfera sufocante evocativa da asfixia mortífera do ventre materno, alguma fresta mantinha-se aberta, através da qual se sustentavam formas mínimas de conexão com o mundo para além do corpo da mãe, conexão que era condição, também, para a sustentação, ali, de um mínimo de sujeito, efeito da diferença entre o eu e o Outro. Era por essas frestas, mínimas janelas, que o acompanhante terapêutico podia ter entrada, nesses quartos à primeira vista tão fechados e isolados do mundo.

Assim, em todos esses casos, estava instituída uma forma particular de relação a um objeto. Televisão, rádio, *walkman*, violão, revistas de moda, pareciam vir sustentar, para cada um desses sujeitos, um modo de ligação com uma outra ordem discursiva, para além dos significantes maternos. Uma ligação não simbolizada, e que, por isso mesmo, não prescindia da concretude material dos objetos através dos quais era veiculada e que faziam função de suplência a uma simbolização faltante. Ao mesmo tempo em que se dirigiam a essa relação com o mundo exterior, esses mesmos objetos, emblemas de uma cultura, faziam-se signos da voz e do olhar maternos cuja presença seguia sendo necessária para a sustentação de uma imagem do eu, uma vez que os traços desses objetos  $\frac{3}{4}$  a voz e o olhar  $\frac{3}{4}$  não puderam ser apropriados pelo sujeito no momento da passagem adolescente. Não é por acaso, então, que os objetos arrolados sejam evocativos, justamente, de uma pulsão escópica e uma pulsão auscultatória.

A possibilidade do estabelecimento de uma relação transferencial com esses sujeitos, no contexto do acompanhamento terapêutico, dependia da mediação desses objetos num jogo de alternância entre o que neles operava como função de especularização (relativa à voz e ao olhar da mãe) ou como função de suplência a um significante fálico faltante (relativa à cultura). Evoco aqui duas cenas em que essa

mediação se apresenta: na primeira, Júnior<sup>2</sup>, de 37 anos, responde com monossílabos às perguntas que lhe faz Laura, sua acompanhante há cerca de um mês, a quem Júnior mal ousa olhar. Incomodada com a atenção exclusiva que ele dirige aos programas de tevê, um dia Laura deixa seu assento, ao lado da sua cama, e toma lugar exatamente onde se encontra a tevê ligada, ocupando o espaço da tela, de frente para Júnior. É desse lugar que Laura conversa agora, e Júnior, olhando-a então, passa a interagir com ela. A segunda cena remete à ocasião em que Luiz<sup>3</sup>, aficionado por música, propõe ao seu acompanhante que fossem até uma rádio local, onde se compraz em observar os movimentos no estúdio e o trabalho de locução e troca de músicas. Naquele cenário, Luiz parece dar materialidade ao que se apresentava como esboço de um delírio, cujo núcleo era a figura de um homenzinho que habitava a caixa de som em seu quarto.

Finalmente, gostaria de tomar em consideração o espaço mesmo do quarto como tema para uma breve reflexão. Se podemos concebê-lo como o espaço da maior intimidade, como uma extensão do eu no território da cidade, como centro de máxima proteção<sup>4</sup>, é preciso não perder de vista a porosidade dos seus limites, através da qual o mundo tem entrada nele, instaurando uma interação entre o dentro e o fora, entre o quarto e o mundo. O quarto é, nas palavras de Davi Arrigucci<sup>5</sup>, uma espécie de armazém da memória, em vinculação com o espaço urbano. A cidade, seus cheiros, ruídos, história, perpassa o quarto através das frestas das janelas (e nas telas midiáticas), por entre os poros de suas paredes, mas também, parafraseando Arrigucci, a cidade se encontra no quarto em cada coisa pequena que ele contém, em cada objeto humilde de que se faz uso nele. As possibilidades do trabalho terapêutico, nesse contexto, estão condicionadas a nossa capacidade de não tomar como banal e repetitivo esse cotidiano, sustentando, na relação a esses objetos, um campo de criação e as significações de uma cultura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI, Davi. Vídeo "Paisagens urbanas". In: PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: SENAC/Marca D'Água, 1996.

BOLLNOW, Friedrich. *Hombre y espacio*. Barcelona: Labor, 1969.

PALOMBINI, Analice. "O louco e a rua: a clínica em movimento mais além das fronteiras institucionais". *Educação Subjetividade & Poder*, Porto Alegre, PPG Psicologia Social e Institucional / UFRGS, n. 6, ago. 1999.

<sup>2</sup> Nome fictício.

<sup>3</sup> Nome fictício.

<sup>4</sup> Interpretação corrente no campo da psicologia, fortemente inspirada pelas idéias de Gaston Bachelard. Remetemos o leitor, em especial, à obra de Friedrich Bollnow (1969).

<sup>5</sup> Cf. o vídeo "Paisagens urbanas", que acompanha o livro de mesmo título, de autoria de Nelson Brissac Peixoto (1998).

■ TEXTOS

\_\_\_\_\_. “Sobre o concreto, a céu aberto, o fora” in: [www.cprs.com.br/VIFORUM](http://www.cprs.com.br/VIFORUM), VI Fórum Brasileiro de Psicanálise, São Leopoldo/RS, 2001.

RASSIAL, Jean-Jacques. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.